

Publicado em:

Periódico Héstia

Curitiba, V.4, N.1, 2020

www.periodicohestia.org

Ensaio sobre a liberdade

Ensaio sobre a liberdade

(desejo, mim mesmo / real, realidade)

Luiz Alberto Thomé Speltz Filho¹

Acostumei-me a pensar na liberdade como um estado conquistado a partir do abandono de algo ou de uma situação. Digo que estou livre da pedra no meu sapato porque a retirei. Digo que estou livre daquela reunião porque ela foi cancelada, porque eu não precisarei lhe comparecer ou mesmo porque ela terminou... No entanto, não é difícil perceber que a liberdade que via no livramento dessas coisas era apenas o *querer* não estar *em* ou *com* aquilo que poderia me trazer algum desconforto físico ou espiritual. Quis me livrar da pedra porque ela me machucava; quis me livrar da reunião porque ela me enervava.

Mas sempre há, no cotidiano, nisso que tenho e que faço, algo que não me conforta. Seria então preciso, para a minha liberdade, abandonar tudo que tenho e faço, enclausurando-me em um lugar afastado, longe de tudo e todos, provendo-me apenas do essencial e cuidando para que nada me abale? Ora, quem já permaneceu durante algum tempo no mesmo lugar, longe de tudo, talvez tendo de lutar por si, sabe que não há conforto nessa situação, pelo contrário: a Necessidade é terrível senhora; e eu, sozinho, posso ser palco de grandes perturbações.

Sabendo disso, poderia pensar a liberdade como aquele estado em que realizo algo sem que isso me traga desconforto ou, se me o trouxer, que ele venha acompanhado daquilo que o possa anular ou que o faça esquecer. Estar em um lugar fechado, sem nada para fazer, pode ser ruim, pode significar a pior das prisões, mas estar nesse mesmo lugar, ocupando-me com algo prazeroso, isso poderia significar liberdade? Ou, estendendo o pensamento: se estivesse o

* Endereço eletrônico: Luiz.speltz88@gmail.com.

tempo todo entregue àquilo que me é prazeroso, sempre superando o desconforto, independentemente de estar preso ou não, teria assim liberdade?

Para responder à pergunta deixada, é preciso tentar entender o que é o prazer.

I — Prazer

Inicialmente, posso dizer que prazer é aquilo que ocorre quando um desejo se realiza. Não sei exatamente o que ocorre no instante da *realização*, mas algo é certo: quando se realiza um desejo, sente-se prazer ou, melhor, ocorre prazer. Há, portanto, uma relação direta entre prazer e desejo, de modo que para entender um talvez seja preciso também entender o outro.

Tenho muitos desejos, que variam também em intensidade: posso ter o desejo de ir à praia, de fazer ginástica, de ler um livro, mas também de comer, de beber água... Posso dizer que há aqueles desejos que são mais urgentes para a manutenção do corpo, como beber água, e outros mais urgentes para o espírito, como escrever. Não me cabe agora formular algo como uma hierarquia dos desejos... Fato é que não consigo controlar o seu nascimento. Há, sim, como torná-los mais fracos, mas, para que isso ocorra, é ainda preciso haver o desejo de se desejar menos, ou seja, deve haver o desejo de não desejar — e este, na verdade, pode ser apenas o desejo de satisfazer todos os desejos, como um querer se lhes ver livre, e isto também não está no meu controle.

Não me parece — ao menos inicialmente — que a coisa desejada seja aquilo que me faz sentir prazer, mas, sim, que *o possível livramento do próprio desejo seja o que me o proporciona*. Em outros termos, se desejo ir à praia, não é a praia que me dará prazer, mas o livramento do desejo de praia. A praia, neste caso, me permite estar *livre do seu desejo*. A rigor, então, podemos considerar o desejo um certo tipo de desconforto, e a sua realização, chamada de “prazer”, seria o

momento em que esse desconforto desaparece. De maneira muito ruim, poderia dizer que o desejo é como uma coceira, uma comichão, e o prazer, aquilo que sobrevém no instante da sua dissipação, quando há a coça.

Neste sentido, porém, qual é a diferença entre uma pedra no sapato e o desejo? Ambos podem ser vistos como sinônimos de desconforto e também o seu livramento pode ser chamado de “prazer”, qual é então a diferença? Talvez não haja diferença, pois a pedra (enquanto *pedra no sapato*) é também o desejo de ser retirada do sapato ou o desejo de conforto.

Pois bem, desconforto e desejo talvez sejam o mesmo.

Há, porém, duas classes de desejos: aqueles de que consigo me livrar e aqueles de que não consigo. Os que consigo já foram citados: eu me livro do desejo de beber água, bebendo água; eu me livro da pedra no sapato, tirando a pedra do sapato... Mas há desejos dos quais não consigo me livrar, e desses há dois tipos: os que conheço e os que não conheço. Os que conheço são os que sei o caminho para o livramento, mas o caminho não pode ser atravessado. Seria o caso, por exemplo, de eu querer beber água, mas estar no meio do deserto; ou de querer sobreviver a uma doença cuja cura não está ao meu alcance. Os que não conheço são aqueles desconfortos que se manifestam de maneira tal que o caminho para o livramento está oculto, e o seu sinal é apenas o que se chama de “estado de ansiedade”.

O ponto interessante aqui é que a identificação do desejo/desconforto é também a descoberta da possibilidade da sua dissipação, ou seja, conhecendo qual é o meu desejo, automaticamente está descoberta a possibilidade de me livrar dele, pois o caminho da sua realização se mostra como possível. Claro que a mera possibilidade não é a garantia do livramento — mas ter para onde olhar também já é prazer, pois não conhecer o que aflige é desconfortável.

Sendo assim, o desejo seria o grande responsável pelo meu aprisionamento — ou, talvez, a minha própria prisão. O prazer, por outro lado, parece ser sinal da liberdade ou, ainda, a própria liberdade, na medida em que o desejo cessa.

Há, porém, duas questões sobre o prazer que devem ser observadas, pois talvez mais tarde me sejam úteis: (i) o seu caráter efêmero; e (ii) a sua relação com a técnica.

(i) O prazer ocorrido durante a realização de um desejo é passageiro — e essa passagem às vezes é mais rápida do que consigo notar. Se sinto desejo de ir à praia, chegando lá, o desejo desaparece, mas o “vácuo” deixado em seu lugar, que me anestesia momentaneamente, rapidamente é “preenchido” por outro desejo, que poderia ser o de entrar no mar, de andar pela beira-mar ou de qualquer outra coisa. É certo que muitos desses desejos mantêm alguma relação com o desejo de ir à praia, ou pelo menos mantêm relação com a praia: eu estou lá, quero entrar no mar *da* praia, quero andar pela beira-mar *da* praia, quero me deitar na rede, quero realizar alguns outros desejos todos na praia; mas também pode ser que venham desejos que me obrigariam a deixar a praia. Mas o ponto é que nem por um instante eu estou livre dos desejos: a satisfação de um é, na verdade, o surgimento de outro ou o reaparecimento de outro, e assim por diante. Assim, seria o caso de pensar que o prazer ocorrido na dissipaçāo de um desejo é na verdade apenas o processo de mudança de um para outro. Desse modo, não seria o “vácuo” aquilo que é o alívio, a sensação de prazer, mas a própria transformação de um desejo em outro. Nisto está a possibilidade de o prazer ser propriamente apenas uma passagem — uma movimentação, um trânsito, um passo a mais naquilo que posso chamar de “espaço dos desejos”.

No entanto, há vezes em que um desejo é substituído por outro e o prazer não ocorre, como quando estou impedido de realizar um desejo e sou obrigado a abandoná-lo ou quando naturalmente deixo de desejar algo sem mesmo que o perceba, certo? Não. Parece-

me, na verdade, que, em um caso ou em outro, se de fato o desejo foi deixado, o prazer ocorreu: na empolgação — ainda que mínima — surgida com uma nova ideia (um novo desejo), cujo fundo pode ter sido o desejo de superar um desejo não realizável. Isto é, a “não realização” de um desejo pode ser “pretexto” para a realização de outro desejo.

E aqui se levanta outra questão: se o prazer é apenas uma passagem de um desejo para outro, o que ocorreria se de repente não houvesse desejo? Por ora, não me parece que aconteceria algo — o que quero dizer é que talvez todo acontecimento, toda existência, dependam dos desejos. Daqui a pouco isso ficará mais claro.

(ii) Outra coisa que tenho observado é justamente a facilidade proporcionada pela técnica em me permitir transitar pelo espaço dos desejos. Os artifícios são os mais variados possíveis. Para não sair do exemplo da praia: posso dizer que, com carro ou outros mecanismos modernos, muito facilmente me locomovo até ela, e também muito facilmente consigo realizar uma série de outros desejos que me surgem quando estou lá. Além disso, às vezes, meu desejo de ir à praia pode ser satisfeito (ou ao menos parcialmente satisfeito) com um filme a seu respeito, com um texto que a descreva, com uma foto, com... tudo isso é maquinção e está no contexto da técnica. Para mudar de exemplo, posso também dizer que hoje me é difícil separar fome de gula, pois com o engenho alimentício atual muito facilmente posso encher a barriga. A técnica me possibilitou realizar esses trânsitos pelos desejos sem que estes se tornem preocupações severas ou, melhor, sem que sejam experimentados de maneira mais profunda. Há de se pensar, é claro, se esse trânsito é autêntico ou não. Quero dizer: será que, estando com dor na mão depois de tê-la cortado com uma faca, tomar um analgésico irá resolver o problema do corte? É certo que não. Mas indiscutivelmente me afastará do desconforto, pelo menos até que ele retorne. E de que adianta então amainar a dor? Ora, se me permitisse ficar com ela, não conseguiria continuar o trânsito sobre o espaço dos desejos. Ficaria ali, parado,

apenas suportando-a, suportando o desejo. Haveria vantagem em se fazer isso ou o anestésico é a melhor escolha? A única vantagem em permanecer com ou na dor é o seu chamado ao cuidado, já que, estando com ela — e sempre querendo me livrar dela —, tomaria precauções para que o corte não piorasse e logo cicatrizasse. No entanto, também essas precauções ou o cuidado demandado seriam apenas meios para que a dor desaparecesse. Haveria, então, como permanecer na dor sem que eu fosse arremessado para fora dela? Como disse, conhecendo o desconforto ou, melhor, conhecendo a dor, automaticamente se abre a possibilidade de se livrar dela. Não me livrando com uso do anestésico da técnica, livrar-me-ia com a *busca* pelo livramento, seja a busca através do cuidado, seja pelo querer resistir à dor, seja pelo que for. Tudo isso ainda é prazer, isto é, por enquanto: livramento da dor. Não há então diferença entre usar o analgésico e, por exemplo, resistir à dor? Arrisco-me a dizer que há, sim, mas antes de falar sobre isso é preciso tentar entender mais fundamentalmente o que é o desejo, a dor, o desconforto, para que eu saiba com o que estou lidando — e realmente possa dizer que tudo isso, enquanto desejo, me aprisiona.

II — Miséria

Venho tratando desconforto e desejo como sendo a mesma coisa, justamente porque desejo parece ser uma perturbação da qual quero me livrar. Mas, pensando melhor, o que seria o desconforto?

Digo que sinto desconforto, por exemplo, quando estou sentado em uma posição tal que algo me dói; ou quando estou em uma situação ruim, como seria o caso de estar em uma reunião em que não estivesse entendendo algo sobre o assunto tratado. Mas posso sentir desconforto e não necessariamente ter o desejo de abandonar aquilo que me desconforta? Estou, por exemplo, em uma cadeira muito desconfortável agora, mas não quero abandoná-la, pois desejo continuar escrevendo. Neste caso, porém, querer continuar escrevendo não significa que o desejo de uma cadeira ou posição

melhor não exista, mas que o desejo de escrever é mais forte, e assim supera o anterior. Posso dizer então que todo desconforto é um querer transformação — e um querer pode se sobrepor ao outro? Parece-me que sim, e, desse modo, posso também concluir que todo desconforto é de fato desejo. No entanto, todo desejo é mesmo desconforto? Sim. Para que se perceba isso basta que haja algum tipo de resistência à sua realização. Tenho desejo de escrever e, para perceber que isso na verdade é um tremendo desconforto, preciso apenas parar de escrever... Vou continuar.

Mas não estou satisfeito com a mera sinonímia entre desconforto e desejo, parece que é possível pensar em uma diferença entre esses termos. Quando estou desconfortável, sinto isso sobre algo que deve ser mudado ou abandonado, como, por exemplo, quando sinto certo desconforto com a minha posição na cadeira ou com a própria cadeira. Por outro lado, sentindo este desconforto, digo que desejo outra posição, isto é, refiro-me não ao que deve ser abandonado, mas ao que deve ser buscado. O desconforto, portanto, se refere àquilo que deve ser deixado; e o desejo, àquilo que deve ser conquistado. O desconforto *aparece* sempre como *desconforto com*, enquanto que desejo *aparece* sempre como *desejo de*. Está aí a diferença.

Retirando aquele *com* e aquele *de*, como que apagando as suas faces, aí ambos podem ser vistos exatamente como a mesma coisa, como a mesma moeda. E o que é essa moeda agora sem faces?

Aqui chegamos a um ponto interessante: essa moeda é apenas uma *abertura* entre uma coisa e outra, entre o *com* e o *de*, ela é aquilo que permite que eu saia, por exemplo, de uma cadeira para me sentar em outra. Ela é, portanto, coisa nenhuma, é pura falta, é carência, *miséria*. Isso, mesmo no caso de o desconforto vir com o excesso, pois o não-excesso também pode faltar. Miséria é sobretudo insatisfação, e isso pode se dar com o pouco ou com o muito, justo porque a miséria de que falo não é simplesmente a ausência daquilo que se deseja, como se na fome, por exemplo, a miséria fosse a ausência da comida (do arroz, do feijão). Neste caso, uma pedra teria fome, a água

teria fome, pois ambas não têm arroz e feijão. O alimento dado àquele que tem fome não acaba com a sua miséria, mas a mantém sustentada, isto é, a mantém possível. A fome, assim, ela é carência, mas não de comida, e sim da sua própria possibilidade — e é isso que faz com que o alimento seja propriamente alimento, sustento. Ou seja, não é o alimento que é possibilidade da miséria, mas a possibilidade da miséria faz com que o alimento seja, fundamentalmente, alimento. Neste sentido, também não há que se pensar em aniquilação da miséria, pois *a realização de um desejo é sempre possibilidade do próprio desejo*.

Poderia, então, dizer que o desejo é sempre desejo de mais desejo? Não, pois, se esse fosse o caso, miséria se satisfaria consigo mesma, de modo que jamais poderia ser, de fato, miséria. Se fome se satisfizesse com fome, não haveria fome. O desejo é sempre desejo do que ele não é, embora ainda não tenha conseguido saber exatamente o que não é desejo. Devo pensar nisso mais tarde.

E se eu permanecesse com a fome, a ponto de talvez meu corpo não resistir, estaria assim acabando com a minha miséria? Não, a miséria não está no meu controle. O desejo de deixar de ser um miserável também é abertura, carência, falta. O alimentar-se do esfomeado e o não se alimentar daquele que nega alimento têm o mesmo modo: ambos não suportam a miséria, ambos talvez pensem que estão resolvendo o problema da sua carência quando fazem o que fazem, mas verdade é que eles não têm controle de nada. Desejo é também não estar no poder de algo, é estar refém, e assim também ele pode ser pensado como pura prisão. E quando não estou no poder de algo também não tenho controle sobre ele. Sendo assim, desejo é intimamente descontrole (ou descontrolado) — e o desejo de controle do descontrole é apenas mais sinal da miséria.

Como, no entanto, ficaria a questão do prazer com isso que essencialmente pode ser desejo? Prazer seria o abrir da abertura que é a miséria, seria justamente o momento em que a insatisfação *nasce*. Neste sentido, quanto mais prazer, mais a miséria está fundamentada, mais ela está possibilitada. Mas não disse há pouco que o prazer é

satisfação do desejo, de modo que, quando o realizo, ele se acaba? Pois bem, não é assim, terei de reformular. Primeiro porque o trânsito no espaço dos desejos não significa o fechamento do desejo que o permitiu, pelo contrário, significa que o desejo agora está fundamentado (possibilitado). Segundo: não é toda miséria que se realiza da mesma forma. Há maiores misérias que outras. Qual não é a diferença da miséria de um esfomeado, que um pão sacia, e a de um rei, que tudo tem? A fome, para um rei, seria luxo, na medida em que estaria distante de desejos terrivelmente maiores. Mas isso não parece absurdo? A fome poderia matar o rei, como então posso dizer que para ele isso seria luxo? É porque, neste caso, não seria o rei que morreria, mas o esfomeado — ou nem ele, já que não se pode dizer que o morto tem fome. O rei esfomeado é apenas esfomeado, e não rei... [Esta parte é um pouco complicada, parece fugir um pouco do ponto, mas no fim poderá ajudar:]

O rei não é um ser humano, não é algo que nasce e morre e tampouco é um título que se ganha e que nunca mais se perde. O rei é rei apenas enquanto reina, enquanto está no reinar (no *fazer* reino) ou, melhor ainda, enquanto é — e está sendo — propriamente reinar, assim como a fome é fome apenas enquanto está acontecendo esfomear (*o fazer* ou *o ser* fome). O reinar que o rei está sendo enquanto reina é miséria — e uma baita miséria, um baita desejo. Mas desejo de quê? Desejo de ver seu povo bem? Desejo de cuidar de cada uma das pessoas do reino? Desejo de riqueza e/ ou de poder? Desejo de controle? Nada disso!

Um rei de verdade, um rei que reina, jamais olha para o seu povo, jamais olha para a riqueza, e também não tem olhos para o poder. Um rei de verdade deseja apenas o belo, o bom e o justo, tudo isso em sua pureza, sabendo de sua pureza, de modo que a sua realização seria na beleza, na bondade e na justiça. Talvez o povo tenha o mesmo desejo — afinal, quem não quer o bom, o belo e o justo? —, porém é sobre o rei (ou é no reinar) que pesa a decisão da sua realização. O olhar do rei é maior: está na proporção da sua dor,

da sua miséria. O reinar do rei é o seu fazer — e é isso que ele faz, pois não há rei se este já não estiver no reinar.

O ponto importante aqui é que estar em um desejo, realizando-o, é estar em um *fazer*, de modo que não é possível separá-los e nem mesmo dizer que são coisas diferentes. Só se faz algo porque se deseja e só se deseja porque se faz. *Fazer e desejar são o mesmo*.

Neste sentido, o que não é desejo, miséria? Posso não ser rei, posso não ser um esfomeado, mas sou algo outro que não algum *fazer*? Essa pergunta é importante, pois não leva em consideração apenas o fato de que estou o tempo todo desejando, mas põe em questão justamente a possibilidade de fundamentalmente eu ser só desejo, isto é, miséria, abertura — ou, como venho dizendo, prisão.

Vale, aqui, então, a questão: *o que sou eu?*

III — Mim mesmo

Por acaso, sou um animal? Sou um humano? Sou um punhado de células que, em ordem, forma o corpo? Sou reações químicas? Sou um sujeito de consciência que está em relação direta com os objetos? Sou alma ou espírito? Não, definitivamente! Tudo isso, todas essas formas de dizer o que sou, deve ser apenas pão para tentar alimentar a miséria sobre mim mesmo. Parece-me que essas informações muito sofisticadas sobre o que é o homem surgiram desde o *desejo* de saber o que ele é, *o que eu sou*, isto é, eu já precisei estar aberto ou, ainda, *ser abertura* para que a resposta aparecesse. No entanto, de onde vem o desejo de saber o que eu sou? Disso também não tenho controle, de modo que posso dizer que nem a abertura de e para mim mesmo me pertence. Ou seja, *não sou eu que decido me saber*.

Ademais, servindo ao desejo de me saber, a que resposta chego? Será que alguma coisa daquilo que falei pode de fato dizer algo a meu respeito? Teria eu experimentado a mim mesmo ou, melhor, sabido sobre mim, para que afirme que sou isso ou aquilo?

Não estaria eu caindo nas manhas da técnica e simplesmente me deixando para trás quando me alimento dessas respostas teológicas, filosóficas ou científicas, como alguém que toma anestésico para aliviar sua dor? E como então poderia saber o que sou, sem cair em tais artimanhas?

Parece que o movimento mais natural para que possa saber o que sou é justamente o de me voltar para mim mesmo, como a me identificar comigo. Mas me voltar para quê? Olhar para quê? Falando desse jeito parece que eu já sei para onde devo olhar, mas verdade é que não faço a mínima ideia. Devo olhar para o corpo, moléculas, átomos ou qualquer outra abstração da ciência? Ou devo olhar para o que anima o corpo, as moléculas e os átomos, como formula alguma corrente teológica? As respostas a essas perguntas são irmãs; ambas devem andar juntas; e ambas, como alimento para o desejo de mim, talvez não me mostrem a mim mesmo.

Até poderia ser possível dizer que o pão, enquanto alimento, é a imagem da realização da fome, de modo que, nele, a fundamentação da fome poderia ser vista. Mas isso apenas enquanto o alimento é alimento. Eu não posso dizer, por exemplo, que o pão é alimento se ele não está servindo de alimento a quem tem fome. Do mesmo modo, não posso dizer que as abstrações da ciência e da teologia estão servindo à realização de meu desejo de mim se elas não estão *sendo mim mesmo*. O pão é alimento do desejo de alimento apenas enquanto serve de alimento — é alimentação. Assim, eu sou o *mim mesmo* do meu desejo de mim apenas enquanto me sirvo de mim mesmo, isto é, apenas enquanto sou o que sou.

Apenas o *ser mim mesmo* pode realizar o desejo de mim. É claro que estou pensando apenas no desejo de mim, pois de certo modo esse desejo está sempre se realizando na medida em que sempre sou o que sou. O problema é não saber o que sou, ou seja, não ter uma imagem minha. Neste caso, então, o desejo de saber a mim mesmo é o desejo de me ver, é o desejo *sobre mim*.

Novamente, porém, surge aqui a questão: para onde devo olhar? O que é capaz de me mostrar o que sou? A primeira coisa que tenho de observar é que, para que algo realmente me mostre a mim mesmo, devo estar sendo o que sou enquanto estou sendo mostrado, pois só assim o meu desejo estará se realizando. Desse modo, por que não procuro me ver agora?

Estou escrevendo este texto, minha mão trabalha nisso. Seria então ela, a mão, a minha imagem? ... Levantei-a, movimentei os meus dedos, mas percebi que, por mais que algum controle pudesse ter nisso que fizera, tudo aconteceu sob ordens de um desejo de controle, mas esse desejo não sou eu, e então tampouco posso dizer que ele veio *de* mim. Desse modo, minha mão, sendo imagem da realização do desejo de escrever ou sendo imagem da realização do desejo de controle, não pode ser a minha imagem.

Também não posso dizer que os pensamentos aqui expostos são a minha imagem, pois não tenho controle do que penso. Não sou dono dos meus pensamentos, não sou eu que escolho pensá-los. Sinto algum desejo de escrever sobre o assunto, mas não sei de onde esse desejo vem e tampouco como o assunto se desenvolve. Apenas por não suportar a força e imposição do desejo sou obrigado a sentar-me e escrever sobre aquilo que surge através do pensamento.

Se não tenho controle nem do meu corpo e tampouco dos meus pensamentos, isso quer dizer que não sou nem uma coisa nem outra, pois pressuponho que, sendo algo, terei controle deste algo ou que eu seja o seu próprio controle. O que então eu poderia ser? Teria controle ao menos do meu perceber (do ver, do ouvir etc.), o mesmo que faz com que corpo e pensamento sejam vistos? Aliás, o que seria ter controle do perceber? Seria escolher aquilo que será percebido ou seria simplesmente escolher perceber ou não? Se pudesse escolher o que será percebido, escolheria perceber o que desejo, mas o desejo não está no meu controle e também não percebo apenas aquilo que desejo; se, por outro lado, pudesse escolher perceber ou não, certamente escolheria perceber, pois é no perceber que tudo é visto:

ele é talvez *abertura* de e para tudo. É *por ele que tudo é como parece ser* — mas também sobre isso não tenho controle.

Neste sentido, sendo abertura das coisas, o perceber é essencialmente o mesmo que o desejo: miséria — posso com isso dizer que ele é a minha miséria essencial, pois, embora não esteja no meu controle, é por ele que tudo se faz.

Porém, mesmo não tendo controle do corpo e do pensamento, não haveria como a minha imagem aparecer neste texto? É certo que o texto mostra. Aliás, texto é só *mostração*. Mas como poderia dizer que no texto estou me vendendo? O que me garante que aquele ou aquilo que eu vir será a minha imagem?

A resposta mais óbvia é esta: a minha garantia é o querer não me enganar sobre mim mesmo, pois para não se enganar é preciso também *querer*. Mas também isso parece não estar no meu controle. Como saber, então, se possuo esse desejo? Ora, o desejo de não me enganar é também o desejo de confiança — e, neste caso, confiança sobre o meu me ver.

A confiança, aqui, também não é algo que eu escolho ter, pelo contrário, a confiança parece ser a dona ou, melhor, mantenedora de tudo: é ela que escolhe ou que faz escolher, é ela que faz com que tudo se sustente como tal. Uma fruta só é fruta enquanto a confiança a cultiva como tal. Essa confiança de que falo é o *se manter* da fruta no ser fruta, é a fruta *sendo frutar*, ou, ainda, é a fruta em *frutação*. Se a confiança se afasta, isto é, se aquilo que mantém a fruta no que ela mesmo é se afasta, o ser fruta da fruta se esvazia: ela seca, desaparece — e já não é mais fruta, pois não se sustenta como tal. Assim também é o caso do rei: o *se manter* do rei no reinar (sendo reinar) é a confiança; se esta se afasta, não há mais que falar em rei.

No meu caso, basta que este texto, em pensamento, se mostre como o meu me manter no meu ser mim mesmo, *sendo* mim mesmo, para que eu, assim, me reconheça.

Talvez, então, seja preciso voltar a falar da minha miséria essencial.

IV — Transgressão

Se perceber é essencialmente desejo, ele é desejo de quê? Ora, não há nada fora do perceber, ele é a abertura que torna possível a *realização* de todos os desejos. Assim, posso dizer que ele é desejo de *realidade*, desejo da *possibilidade* de desejos. Realidade nada mais é que o espaço dos desejos, ou seja, ela é apenas o lugar onde os desejos se abrem e estão abertos. Realidade é, como disse, o lugar de toda miséria ou, ainda, o seu *fundamento*. Na realidade, portanto, o perceber *pode* se realizar, pois é naquela que este tem o seu lugar, tem a sua própria oportunidade.

Realidade, neste sentido, como lugar da realização da miséria, é também *puro* prazer. Do mesmo modo, sendo o perceber o desejo de realidade, posso dizer que ele é *puro* desejo — ou, com mais força, que é só *realizar*: o *fazer* real.

Cabe mencionar: não estou chamando de “realidade” o aparecimento, isto é, realidade não é aqui o que se tem à vista, realidade não é um fenômeno ou outro, realidade não é pedra, céu, pássaro... realidade não é coisa nenhuma. Isso que tenho ao redor, isso que é *aparecimento*, isso que comumente digo que “sinto”, é apenas o tamanho e ao mesmo tempo limite da realização do desejo de realidade, é o limite do *sendo realizar*, é o *real*. A realidade não é o real.

Aqui chego a algo novo: o limite. Em outras palavras, chamando a percepção (realização do desejo de realidade) de “vida”, acabo de encontrar, em teoria, o limite da vida: o fenômeno ou, ainda, a *face da vida*. E é nesse limite, que paradoxalmente não tem fim, que eu estou — e dele nunca saio. Por isso, talvez fosse preciso investigá-lo mais. Afinal, o que significa ser o limite da realização do desejo? O que são as coisas? O que é o *real*?

O limite é aquilo que delimita, dando dimensão (ou sendo a dimensão), e que de certo modo protege, guarda, *isola*. No entanto, o limite não é um espaço entre uma coisa e outra, pois o limite mesmo não tem dimensão; ele também não é o contato entre uma coisa e outra, porque, do contrário, não haveria limite entre as coisas. Se elas se tocassem, perderiam o próprio limite, e deixariam de ser *o que* são. Neste sentido, o limite nem afasta nem une, ele apenas faz com que as coisas sejam elas mesmas ou, melhor, o limite talvez seja o que as coisas são, a sua identidade.

Tentemos entender limite com o exemplo de um terreno. O terreno não é a terra que o compõe, não são as plantas que lá estão, não é a casa que nele está construída. O terreno é só o seu limite. O que está “dentro” do limite está dentro do terreno e vice-versa. Não é nem possível dizer que o terreno é o espaço que há dentro do limite, pois em um terreno o limite não é o que o rodeia, mas o seu próprio *aparecimento* — que é só a sua *extremidade*. É porque o terreno aparece que é possível dizer que há um espaço dentro dele. Do mesmo modo, em uma árvore: não posso dizer que ela é a sua folha, o seu caule ou coisa do tipo, tampouco que ela é o conjunto de tudo que a “compõe”. Para ver folha, caule etc. é preciso já ter visto a própria árvore — ou, ainda, o limite-árvore. A árvore está posta, e, por imposição da sua postura, nela, no limite-árvore, as folhas etc. se têm. De maneira alguma, porém, o limite pode ser pensado como o contorno ou como aquilo que envolve algo, como se a árvore fosse o contorno e as suas folhas etc. a preenchessem. Folhas etc., na verdade, estão plenos de árvore, plenos, do começo ao fim, do aparecimento-árvore.

O limite da coisa é o que a coisa é. Por óbvio, quando falo de desejo e realidade, não estou falando de coisas, estou falando apenas daquilo cujo limite da realização do desejo no seu fundamento *são* as coisas. Desejo é miséria, é nada; realidade, fundamento da miséria; e o limite, por sua vez, é a irrupção da realização da miséria, é o brilho do abrir do nada na realidade, na sua própria possibilidade.

No entanto, estou sempre *confundindo* as coisas (confundo as partes da árvore com a árvore, confundo desejo com limite...), e isso *talvez* possa ser justificado pela minha própria condição: o estar no limite. Essa confusão também pode ser chamada de “transgressão”.

Sei que estou no aparecimento, mas apenas porque não há mais nada além dele. No entanto, parece que quando olho para as coisas eu não as vejo, como se soubesse que elas estão aí, mas estivesse sempre além delas, e assim elas me servissem apenas de passagem para um eterno se perder do que elas mesmas são. Minha condição é, portanto, a de um *transgressor*.

A pergunta de agora é: sendo um transgressor, como seria possível não transgredir?

Transgressão é não respeitar o limite, é ir ou tentar ir além do que é permitido ou delimitado. O limite, por sua vez, são as coisas (ou isso que é fenômeno). Respeitar o limite seria permanecer nas coisas. Mas o que seria esse permanecer? Permanecer é *ficar até o final*, é não deixar aquilo em que se permanece, é se firmar, sem abandonar.

Como seria então possível permanecer nas coisas, se naturalmente elas se modificam e se perdem? É o caso, por exemplo, de uma pedra que se transforma em estátua e depois se torna pó. Esse não parece ser o movimento natural de tudo: perder-se, transformar-se? “Parece”, mas esse movimento não é o que a coisa é; esse movimento, que jamais é diretamente visto, não está nas coisas, não é as coisas. Esse movimento não é nada. Não há movimento. O se perder das coisas é na verdade sinal da minha transgressão.

Quer dizer que eu sou culpado pelo esfarelar da estátua, pela mudança das estações, pelas fases do dia e da noite etc., mesmo sem ter feito nada para que isso ocorresse? Não, certamente, mas apenas porque eu não posso ser culpado pelo que *definitivamente* não ocorre. A estátua não se esfarela, as estações não mudam e o dia e a noite não têm fases. Minha culpa talvez esteja em não ser capaz de ver isso.

E como provar que o movimento não ocorre, se até para escrever o que agora escrevo parece que minha mão está se movimentando? Ora, basta perceber que o texto já está sempre pronto, o texto já está sempre aparecido. O “movimento” da escrita (ou a própria escrita) é apenas sinal de que não consigo lhe permanecer, sinal da minha transgressão.

As coisas seriam então sempre as mesmas, sem nunca mudar? Na situação anterior, seria a pedra uma coisa, a estátua outra e o pó ainda outra, de modo que jamais poderia dizer “a estátua virou pó”? Ora, se sim, cada coisa seria cada coisa, e eu jamais poderia afirmar que duas coisas são a mesma coisa. Como seria possível dizer, por exemplo, que duas estátuas distintas são, ambas, estátuas? Ou como poderia toda araucária ser uma árvore? Não poderia! A não ser que começasse a dizer que duas coisas distintas podem ser a mesma coisa, mas, neste caso, estaria assumindo a possibilidade da *mudança*. Novamente, transgressão. Meu erro seria então colocar coisas diferentes na mesma classe? Não, pelo contrário, o sinal da transgressão está já no “ver” a *diferença*.

O que, então, seria o limite, a coisa, para que eu lhe permanecesse? A resposta simples é esta: a superfície ou, simplesmente, a face da realização do desejo. E tenho como definir melhor isso, para que veja acontecendo, para que reconheça o real? Aqui está o grande problema: por que precisaria de uma definição, de uma *delimitação* para o que está logo aí, à frente, para o que está acontecendo sempre ou, melhor, para o que é só acontecimento? Não seria isso já um sinal de que estou perdido e de que não consigo ver o que de certo modo já é sempre visto? Como permanecer nas coisas, sem sair delas, sem “perdê-las”, se estou sempre buscando um modo de vê-las?

Parece-me que não cabe a mim permanecer nas coisas. Pelo contrário, a impressão que tenho, como disse antes, é a de que estou sempre sendo jogado para além delas, como se as atravessasse no mesmo momento em que as encontro. Olho para a lua, por exemplo,

e de repente encontro nela apenas o lugar de realização do desejo de olhá-la, de modo que imediatamente me são abertos outros desejos, que ultrapassam a própria lua, sem que eu tenha tido chance de ao menos por um instante permanecer ali. Vejo as crateras, o redondo, a pedra, a sombra... A lua, para mim, “parece” apenas espaço de desejos: a lua como *realidade-lua* no instante da realização. Isso, no entanto, é transgressão, é *estar no limite* da lua mas não vê-lo, é ultrapassá-lo.

O que seria então ver a lua sem ultrapassá-la? Há como? Talvez fosse ver a face da vida apenas. Nem lua, nem realidade-lua... Nem crateras, nem redondo, nem pedra, nem sombra... Apenas a face da vida. Isso talvez fosse permanecer no limite e, obviamente, não transgredir. É como um esforço genuíno de contenção diante de tudo, para que nada se perca, para que tudo efetivamente seja reconhecido apenas como o brilho da vida, como a sua *identidade*. Mas, como disse, parece que não cabe a mim este feito. É preciso sobretudo um querer não-transgredir, que é o mesmo que um desejo de limite. Há esse querer?

Ora, tudo é fenômeno, então me parece evidente que há, sim, o *desejo de limite*, e não apenas isso, mas também parece evidente que ele está se realizando. Embora muito naturalmente eu esteja sempre ultrapassando o limite, jamais deixei de estar nele, de tê-lo em percepção [não em identidade, não no ser si mesmo, pois isso seria visão].

Neste sentido, não seria eu justamente a *realização do desejo de limite*, de modo que o *me manter no limitar*, sendo limitar, fosse o meu modo mais próprio de ser? Talvez apenas isso possa explicar a minha “vivência” na possibilidade da transgressão: justamente por ser essencialmente o abrir da miséria do limite. Assim, eu estaria no limite, mas sempre o *abrindo*.

Mas o que seria o se manter no limitar, sendo limitar? Ora, se o limite é o que faz com que a coisa seja o que é, então o se manter no limitar é o ser aquilo que dá forma à realização do desejo, dá forma

à vida, produz real ou, ainda, *realiza*. Isto não significa que eu faço vida, mas, sim, que a vida está sendo sempre determinada a partir da minha “estadia” no limitar, mirando, admirando ou, agora, sendo a sua própria possibilidade. Neste sentido, a vida, em mim, tem sua forma. A pedra, em mim, aparece — e assim é — pedra; o pássaro, pássaro; a estátua, estátua... *Não sou eu, portanto, que olho para todas as coisas, mas todas as coisas têm seu aparecimento em mim*. Melhor: *todas as coisas são coisas em mim*. Porém, o fato de isso acontecer, de tudo ter sua *identidade* em mim, não me permite saber (= ver) qual é essa identidade.

É certo, portanto, que eu não sou desejo de limite, eu sou o *sendo limitar* ou, ainda, a *limitação*. Em mim, as coisas, que são só tamanho, só limite, têm seu *ser*, têm a si mesmas, pois, a *rigor*, sou eu a sua *medida*, o seu meio para si, a sua *realização* — *pura* realização.

Mas onde está o meu controle aí? Como posso dizer que sou isso, se não tenho como decidir pelo meu fazer próprio?

Já falei anteriormente que toda e qualquer decisão é tomada desde a ou *na* confiança. Aliás, agora, qual poderia ser a relação entre confiança e decisão? Confiança é o *se manter* no desejo, ou, em outros termos, é o *se manter* “alimento” do desejo. Uma fruta é fruta apenas *enquanto* é *no* frutar, é *no* desejo de fruta. O desejo de fruta, por outro lado, não é algo que alguém tem, como se eu pudesse desejá-la, *mas é a própria abertura para a possibilidade do ser si mesma da fruta*. Assim, na realização do desejo, no abrir da abertura, o desejo encontra a sua origem (ou, em outros termos, o desejo *se origina*): sua própria possibilidade. No entanto, como posso dizer que a origem do desejo se dá justamente no momento da sua realização, se estou acostumado a pensar que acontece o oposto? Ora, essa pergunta seria válida se o desejo não fosse essencialmente miséria, ou seja, se o desejo fosse *alguma coisa*, mas ele não é. Eu deixo de ter desejo *de* fruta quando a tenho porque, na realização do desejo de fruta, o *nada da fruta* se fundamenta, isto é, o *de* do “desejo *de*” se anula, pois a fruta se reconhece como o fundamento do seu *nada*. Esse *de* é justamente a

decisão, que não é imposta por mim, mas pela fruta, que é sempre o horizonte do desejo — e também, principalmente, a sua *origem*. Pode-se dizer, assim, que a confiança é a essência da decisão, porque é na fruta em frutação que a decisão-fruta, enquanto norte, direção, se cumpre, se completa, na própria anulação. O “lugar” do seu cumprimento é a percepção, onde a fruta se encontra em frutação, reconhecendo-se na própria nulidade. Por isso, talvez, a percepção não seja capaz de ver (ou de saber o que *em si* acontece); nela tudo se anula.

O ponto interessante aqui é que não sou eu nem ninguém a origem do desejo de fruta, mas *a fruta é a origem do desejo dela mesma*.

Não sendo eu, portanto, dono das decisões, como poderia dizer que decidi ser a limitação, se eu mesmo não sou o limite? Ser o *sendo limitar* (isto é, ser o que sou) pode não ter sido uma decisão minha, mas está em mim o horizonte de toda decisão. Por isso, em mim tudo aparece — mas não aparece *para* mim, e, sim, *para* a coisa, na e através da percepção. Em mim, a coisa é o que é; na percepção, ela encontra a si.

Assim, finalmente, posso começar a entender algumas afirmações e questão anteriores e, principalmente, a natureza da transgressão: o meu estar sempre à frente do limite, ultrajando-o, é, na verdade, o meu ser mim mesmo, que, no já ter “dado” forma à realização do desejo ou, ainda, no já ter feito vida brilhar, continua indo em *direção* ao horizonte, abrindo-o a cada passo, possibilitando-o, fazendo horizonte, fazendo coisa. Tudo isso acontece no próprio espaço dos desejos, que está sempre sendo percorrido no momento em que vida acontece e assim, em mim, se forma.

V — Retorno à Liberdade

E retorno ao início do texto, quando falava sobre a liberdade. A pergunta que antecedeu a reflexão sobre o desejo e o prazer colocava em questão a possibilidade de a liberdade ser o estado em

que me encontro quando há prazer, isto é, quando se está realizando um desejo. Mas isso justamente por que havia a possibilidade de a *realização dos desejos* ser o “livramento” dos desejos. Porém, agora, tenho que ela é, na verdade, o seu se abrir, o seu se originar, de modo que não faz mais sentido o questionamento.

A “satisfação” momentânea provocada pela realização de um desejo é apenas o momento em que a origem do desejo se identifica e assim se vê como fundamento da abertura de si mesma, isto é, abertura de seu próprio nada, da miséria. Nisso, ela se anula em si e, portanto, mantém aberta a sua possibilidade, que, na medida da confiança, terá de novo o seu começo, a sua realização. Por isso, o caráter efêmero do prazer e também por isso a sua relação com a técnica: a grande serviçal da miséria.

Ainda assim, é possível pensar o prazer como liberdade, não a minha liberdade, mas da própria realização do desejo, em sua anulação, no seu ser si mesmo. Isto não é propriamente um “se livrar” do desejo, como comentei, mas um reconhecimento da sua origem, justamente no seu *limite*. Ou seja, *limite é, propriamente, liberdade*.

Ora, sendo aquilo que guarda, que isola, o limite poderia ser visto como o que aprisiona e, por assim dizer, impede que se esteja livre. Mas, aqui, ele é o que é a *coisa*, isto é, tudo que há.

O fenômeno, o real, não é algo que envolve a vida, como a dar face àquilo que substancialmente não tem face, mesmo porque vida não é nada que pode ser envolvido. A forma da vida é a sua identidade, é o seu ser si mesma, seu aparecer. O limite, neste sentido, pode ser dito como aquilo que faz da vida a vida. *Ser e aparecer são o mesmo*. Em outro sentido, o limite é a própria *liberdade da vida para a vida*. Assim, sendo eu o “lugar” em que ela tem sua forma, posso dizer que *a vida tem em mim a sua liberdade*. Aqui, portanto, surge uma nova [ou, na verdade, muito velha] definição de liberdade: o ser si mesmo.

Mas onde está, neste caso, a *minha liberdade*?

A pergunta diz respeito ao meu ser mim mesmo, à minha forma, ao meu aparecimento. Pois bem, como disse, o estar à frente do limite, desrespeitando-o, transgredindo-o, ao mesmo tempo em que o tenho “permitido”, é o meu mim mesmo. Em outros termos, sou *transgressor*. E qual é a imagem de um *transgressor*? Como poderia me encontrar, na percepção, comigo mesmo? Ora, talvez a única forma seja percebendo que eu já estou sempre encontrado no meu não me conhecer, no meu não me ver — isto é, *no meu não me encontrar*. A ignorância é a minha imagem. Se quero me ver, é para ela que devo “olhar”. Mas seria eu realmente capaz de vê-la? Como reconhecê-la? Como encontrar o fundamento da minha miséria, a origem do desejo sobre mim, o desejo de me conhecer?

